REVISTA DA FUNDARTE
Ano 15 – Número 29 – Janeiro/Junho 2015

Observações, planejamentos e práticas musicais de um grupo de bolsistas PIBID-Música: entre reflexões e ações na Escola

Bruno André Antunes*
Rede Metodista de Educação do Sul – IPA
Cristina Cabral Fernandez*
Rede Metodista de Educação do Sul – IPA
Eliana Haas*
Rede Metodista de Educação do Sul – IPA
Felipe Pereira Claudio*
Rede Metodista de Educação do Sul – IPA
José Luiz Gularte*
Rede Metodista de Educação do Sul – IPA
Sinval Junior*
Rede Metodista de Educação do Sul – IPA
Maria Cecilia Rodrigues Torres**[1]
Rede Metodista de Educação do Sul – IPA

Resumo: O presente trabalho é uma síntese de observações, planejamentos e práticas musicais de um grupo de seis bolsistas do Subprojeto Música, PIBID/CAPES/IPA, realizados ao longo do ano de 2013 em um Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Porto Alegre/RS. O principal objetivo deste Subprojeto foi, após o período de observação e conhecimento do espaço escolar e dos alunos, organizarmos planejamentos e práticas musicais no sentido de trabalharmos aspectos da docência em música no espaço da escola básica.

Palavras-chave: Iniciação à docência; **p**ráticas musicais; escola básica.

Abstract: This paper is a synthesis of observations, plans and musical practices of a group of six scholars from the Music Subproject, PIBID/CAPES/IPA, executed throughout the year 2013 in a State Elementary and High School in the city of Porto Alegre/RS. The main goal of this Subproject was, after the period of observation and knowledge of the school and the students, to organize plans and musical practices, in the sense of working aspects of music teaching in the Elementary School environment.

Keywords: Teaching initiation; musical practices; elementary school.

Introdução

Este capítulo, escrito a várias mãos, busca relatar e, desta maneira, promover reflexões acerca das atividades pedagógico-musicais desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2012 e todo o ano de 2013, com as aprendizagens e desafios inerentes ao fazer pedagógico, através de ações desenvolvidas por um grupo de

[1] *Alunos bolsistas do Subprojeto Música PIBID/CAPES/IPA durante o ano de 2013. **Professora Coordenadora do Subprojeto Música PIBID/CAPES/IPA.

bolsistas do Subprojeto Música PIBID/CAPES/IPA, em um Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Porto Alegre/RS.

O objetivo principal do Subprojeto Música foi desenvolver atividades musicais no espaço da escola de educação básica e, assim sendo, possibilitar o exercício da docência por parte dos bolsistas, a partir de atividades que envolveram observações, conversas, reuniões de planejamentos, criação e organização de estratégias metodológicas, leituras e práticas musicais.

No bojo da proposta do PIBID (Programa de Incentivo de Bolsas de Iniciação à docência), destacamos a riqueza desta oportunidade, tanto para os licenciandos, como para os alunos da escola, professora supervisora e para a coordenadora deste subprojeto no sentido do exercício da docência.

Ao longo deste um ano e meio de Projeto, tivemos a oportunidade de ler vários artigos e também de pesquisar e conhecer autores das áreas da Educação e da educação Musical que referenciaram as discussões, resumos acadêmicos, planejamentos de aulas e práticas musicais.

Como já foi destacado anteriormente, este Projeto desenvolveu-se entre os meses de agosto de 2012 e dezembro de 2013, com períodos iniciais para a observação e conhecimento das escolas parceiras envolvidas, assim de seus documentos legais, incluindo as concepções pedagógicas que permeiam as propostas, com sua estrutura física e as dinâmicas do cotidiano escolar.

As aulas observadas foram as de Música, em nove turmas do Ensino Médio, nas quais a professora supervisora do Subprojeto Música atuava como professora e foi nestes espaços que os bolsistas atuaram e desenvolveram várias propostas musicais.

Neste texto, descrevemos e trazemos reflexões de cinco etapas do nosso trabalho desenvolvido ao longo de 2012 e 2013, sob diferentes perspectivas e olhares dos bolsistas, em um exercício quase caleidoscópico de olhar o espaço da escola como espaço para práticas musicais ecléticas.

Práticas de expressão vocal e corporal dentro do projeto PIBID

Dentre as atividades musicais desenvolvidas, trazemos o trabalho realizado nas três turmas de primeiro e segundo ano do ensino médio, cujo foco principal foi de aproximá-los do canto e da expressão corporal como algo intrínseco ao ser humano e que pode ser desenvolvido por todos, e não somente por pessoas consideradas com aptidão musical.

Neste sentido, Schroeder (2004) pontua que

> […] “gênios” e “talentos” existem e são exceções em qualquer área. Entretanto, na música, muitas vezes esas qualidades são consideradas condição *sine qua non* para o sucesso. E isso, educacionalmente, é extremamente desastroso, pois provoca, de antemão, uma classificação dos alunos em “musicais” ou “nãomusicais” e uma conseqüente apatia por parte de muitos educadores em relação aos considerados menos favorecidos, que geralmente são levados em “banho-maria” até que desistam, por se verem totalmente inaptos para a música. (SCHROEDER, 2004. p 118).

Deste modo iniciamos as aulas explicando as principais bases do canto, buscando uma maior consciência dos alunos sobre a forma como eles utilizam o corpo e a voz e cominfluência no resultado sonoro.

Primeiramente, abordamos, com cada turma, o tema ‘postura’, demonstrando a diferença positiva naqualidade do som, quando estamos centrados em nosso eixo, em um estado de disponibilidade em relação a quando abandonamos o mesmo, deixando-o sem tônus. Trabalhamos o tema ‘respiração’, explicando como apoiar o ar e emitir o som, buscando uma sonoridade mais estável e limpa. Também conversamos sobre a respiração intercostal, que auxilia neste apoio, os diferentes tipos de ressonadores e a articulação ampla no auxílio de uma boa dicção. Desta maneira, buscamos trazer diversos dados técnicos sobre fisiologia vocal e corporal e fazer com que os alunos explorassem seu corpo e voz, por meio de exercícios variados, demonstrando que, para cantar, mais que talento, é necessário técnica. Deste modo, todos podemos cantar.

Os alunos fizeram diversas perguntas sobre cada música, canto, voz, higiene vocal, entre outras, e, aos poucos, a turma foi se desinibindo e tornando-se mais receptiva. O segundo passo foi a escolha de repertório a ser desenvolvido por cada turma como objetivo final de nos apresentarmos no encerramento do projeto.

Pedimos aos alunos sugestões de músicas para cantarmos. Embora ficasse evidente, por seus comentários que o *Funk* e o *Pagode* eram os géneros musicais preferidos dos alunos das três turmas. Os alunos deram-se conta de que, para uma apresentação, existiam outras músicas que poderiam combinar mais com a ocasião, sugerindo músicas de cantores e bandas nacionais como: *O Rappa, Legião Urbana, Natiruts, Armandinho, Paralamas do Sucesso*, Lulu Santos, entre outras.

Após definir o repertório por votação, iniciamos os ensaios, sempre antecedidos de exercícios de alongamento, respiração e aquecimento vocal. Nem sempre os alunos demonstravam-se disponíveis para fazer os exercícios e cantar, mas, à medida que eram estimulados por nós e pelos colegas, a participação ficava mais ativa.

Trabalhamos o canto em grupo de forma uníssona. Em cada turma, havia alunos que tocavam algum instrumento e estes participaram ativamente, ficando responsáveis pela parte instrumental dos ensaios e apresentação.

Desta maneira, ao atingirmos um dominio e conhecimento das músicas por parte das turmas, iniciamos a busca por padrões rítmicos corporais para integrar à música, tendo como referência o método "O Passo", de Lucas Ciavatta.

Ao iniciarmos este processo diversos acontecimentos – como greve na escola, mudança dos horários das turmas e uma apresentação de dança programada entre os professores de música e educação física – fizeram com que o planejamento tomasse outro rumo, direcionando-se mais ao auxílio destas novas turmas para a apresentação de dança, que solicitava o espaço da aula de música para ser realizada. Deste modo, adaptando o planejamento a esta nova realidade, trabalhamos expressividade e ritmo dentro da criação das coreografias.

Aproximando-se do final de nosso projeto e da apresentação programada no inicio deste, realizamos o fechamento das atividades com uma apresentação das turmas no pátio da escola na hora do recreio. Foi interessante perceber como todas as turmas se apresentaram, mesmo as que tiveram trocas dos regentes, neste caso os "bolsistas pibidianos" com as mudanças ocorridas em função de trocas de horários nas escolas.

Uma forma de desenvolvimento de ritmo em sala de aula.

Uma outra experiência musical que realizamos foi com uma turma de 1° ano e duas de 2° ano do Ensino Médio, nas quais procuramos conhecer cada uma com suas características específicas para então direcionar as atividades centradas no desenvolvimento da percussão corporal por meio de exercícios de ritmos e pulsação.

A escolha desta temática teve como base os nossos conhecimentos de bateria e a articulação destes com as técnicas desenvolvidas pelo educador musical e compositor Émile Jaques-Dalcroze (2011), nas quais tem destaque o fato de o corpo e a voz serem os primeiros instrumentos musicais que podemos tocar e também "propõe o rompimento da dicotomia corpo-mente, estabelecendo relações entre estes dois através de uma educação musical baseada na audição e atuação do corpo" (MARIANI, 2011, p.31).

Nas primeiras aulas, desenvolvemos o conceito de pulsação com os alunos por meio de uma partitura gráfica (com quatro pontos na horizontal). Deste modo, demonstramos, visualmente, como seria o exercício proposto.

A maior preocupação foi em deixar os alunos confortáveis em relação à dificuldade do tema proposto. Desta maneira, procuramos trabalhar os elementos por partes: primeiramente, contando até o número quatro em um andamento bem devagar, batendo as mãos. Ao percebermos que as turmas começavam a fixar os exercícios, aos poucos inserimos novos elementos, como bater com as palmas das mãos e os pés sempre que falavam os números dois e quatro. Observamos que, aos poucos, os alunos começavam a internalizar a pulsação e deste modo aumentamos o grau de dificuldade dos exercícios.

O próximo objetivo foi somar a contagem da pulsação com as mãos à marcação com o pé nos tempos um e três, realizando uma alternância entre membros inferiores e membros superiores.

Sempre, ao chegar em aula, tínhamos como prática retomar o que havia sido visto nas ultimas aulas com o intuito de que os alunos fixassem os padrões rítmicos aprendidos.

Mesmo com o aumento da dificuldade do exercício, percebemos que os alunos estavam internalizando a pulsação com mais facilidade. Desta maneira, eles

desenvolveram com desenvoltura os padrões rítmicos propostos e realizamos um jogo de perguntas e resposta rítmicas com a turma.

Separamos a turma em dois grupos e apresentamos uma nova partitura gráfica, designando um grupo a marcar com o pé, os tempos um e três e o outro grupo, com as mãos, a marcar os tempos dois e quatro, com diferentes andamentos. No começo da atividade, alguns alunos apresentavam um pouco de dificuldades de coordenação ao aumentar o andamento, mas com o passar do tempo o objetivo foi alcançado e o retorno deles foi gratificante.

No decorrer das aulas, foi proposto, por meio do Subprojeto/Música, que atuava na escola e fazer uma apresentação com as turmas, na qual os alunos tocariam e cantariam as músicas do repertório que estava sendo trabalhado. Acreditando que a rítmica é um modo de estabelecer relações, reunimos com as turmas com o propósito de estabelecer uma música para ensaiamos e tocarmos. Ao chegarmos a uma definição, trabalhamos a parte rítmica, com o uso da expressão corporal em que alguns alunos faziam a parte rítmica, outros cantavam e outros tocavam violão.

O processo de ensaio foi bastante trabalhoso, mas gratificante, porque, com o passar do tempo, os horários foram trocados e, com isso, trabalhamos com outras turmas diversas vezes. Com isso, o trabalho, que estava sendo feito de forma semanal, foi interrompido, o que proporcionou aos alunos e a nós certa frustração, porque estávamos em processo de criação. Independentemente destas questões da escola, o objetivo foi alcançado, pois os alunos realmente fixaram cada um a sua parte dentro de cada música com seus arranjos de músicas de MPB (música popular brasileira).

A apresentação aconteceu em uma manhã, no intervalo do turno no qual todos os bolsistas do subprojeto Música/PIBID/CAPES/IPA apresentaram as nove turmas, como resultado dos trabalhos realizados em sala de aula e com um repertório eclético.

Vale ainda ressaltar que as atividades que fizemos com o ritmo foram de escolha nossa: poderíamos trabalhar outras formas de percussão corporal.

Ritmos brasileiros: A relevância do Baião no fazer escolar

Na sequência das ações desenvolvidas com as turmas, trazemos alguns conceitos que embasaram a proposta com ritmos brasileiros, com destaque para o trabalho com o Baião. Destacamos que a cultura e a arte são elementos inseparáveis dentro de uma sociedade, revelando características e traços específicos de cada povo e localidade. Como vivemos em um país continental, devido à sua enorme extensão territorial, há uma imensa diversidade cultural bem característica de região para região, cultura essa que enriquece nosso povo e proporciona várias expressões culturais e artísticas marcantes e significativas para nosso país.

Dentro dessa perspectiva cultural, destacamos a música como um elemento marcante para um povo, sendo que a música está intimamente ligada com a tradição cultural de uma determinada região, influenciando toda a população atingida. Na cultura nordestina, muito influenciada por indígenas, africanos e europeus, temos uma diversidade musical muito grande, com ritmos como *Frevo, Xote*, *Xaxado*, *Capoeira, Côco, Baião, Forró* e muitos outros de que poderíamos tratar. Pontuamos, assim, que, neste presente trabalho, queremos destacar o *Baião*, ritmo musical que ficou popular na década de 40, por meio do trabalho dos músicos Luiz Gonzaga (conhecido como o “rei do baião”) e Humberto Teixeira (o “doutor do baião”).

Na sua origem, o *Baião* recebeu influências das modas de viola, música caipira e também de danças indígenas, tendo como principais instrumentos a viola caipira, a sanfona, o triangulo, a flauta doce e o acordeon. Com todas essas e muitas outras características, é de suma importância que o *Baião* seja estudado e pesquisado em nossas instituições educacionais, sendo papel do educador levar o aluno ao conhecimento cultural do Baião. Neste sentido, Penna (2008), ressalta a necessidade de

> [...] ter cuidado de não reproduzir ou mesmo impor, em nossa prática pedagógica, concepções estereotipadas do que é a cultura / a arte / a música nordestina (...), lembrando que concepções deste tipo são bastante correntes em livros didáticos. (...) o respeito à diversidade cultural implica no diálogo e na troca de experiências, como orientações básicas para o trabalho pedagógico em arte e em educação musical. (PENNA, 2008, p. 117).

Assim posto, relatamos esta proposta que foi trabalhada com três turmas do segundo ano do ensino médio. Os objetivos principais das atividades realizadas com

os alunos foram desenvolver o conhecimento sobre a cultura e o ritmo Baião, levando-os a desenvolver uma consciência da relevância do Baião, conhecendo seus principais precursores e a cultura em torno desse ritmo. As atividades propostas se deram durante três aulas, sendo que na primeira aula o projeto foi apresentado aos alunos; foram divididos em grupos de no máximo cinco alunos, nos quais eles ficaram encarregados de pesquisar sobre o tema Baião, relacionando seus principais intérpretes, sua cultura, os principais instrumentos musicais e outros elementos que trouxessem detalhes e informações sobre o tema.

Também ficou acordado que cada grupo escolhesse uma música dentre uma lista apresentada para eles, e essa música seria apreciada em sala de aula durante as apresentações. As seguintes músicas estavam disponíveis nesta lista: “Eta Baião” (Jackson do Pandeiro), “Baião de dois” (Luiz Gonzaga), “Baião de ninar (Edino Krieger), “Asa Branca” (Luiz Gonzaga), “Luar do Sertão” (Luiz Gonzaga), “A carta” (Luiz Gonzaga), “Morena Bela” (Luiz Gonzaga), “Boi bumbá” (Luiz Gonzaga), “Moreninha moreninha” (Luiz Gonzaga) e “Xote das meninas” (Luiz Gonzaga). Na segunda aula, aconteceu a apresentação dos grupos na qual todos os alunos mostraram elementos importantes e relevantes durante as apresentações; destacamos um grupo que trouxe uma excelente apresentação em Power Point com muitas informações e detalhes sobre o tema como culinária, roupas típicas, danças e folclore. Na terceira e última aula, foram finalizadas as apresentações, e executamos a canção “Baião de Ninar”(Edino Krieger), com todas as turmas, levando o grupo a uma prática musical do ritmo proposto, em que os alunos cantaram e fizeram uma percussão corporal com palmas e estalos.

Ao final das atividades, averiguamos que alguns alunos desenvolveram uma percepção rítmica e melódica, capazes de cantar as músicas trabalhadas em grupo e em cânone. Outros alunos também utilizaram de instrumentos como o metalofone, chocalho, pandeiro, violão e baixo; o maior resultado foi com aspectos da cultura e do folclore sobre o Baião, ritmo este a respeito de que alguns deles nunca haviam ouvido falar. Isso tudo contribuiu para a aprendizagem musical e cultural dos alunos envolvidos em todo o processo de aprendizagem.

Criatividade e as práticas musicais

Ao descrevemos algumas das atividades musicais que fomos realizando ao longo deste período, percebemos a necessidade de trazemos algumas reflexões relacionadas à criatividade e ressaltar o quanto ela está presente nas ações em diferentes aspectos do modo de ser e fazer dos seres humanos. Parece inacreditável como o homem criou seus utensílios de caça e colheita, suas vestimentas, os meios de transporte e os sistemas de escrita sem a tecnologia de hoje. Ao mesmo tempo, praticava a arte de ordenar sons, dançar e desenhar em conexão com deuses e deusas para explicar a criação do mundo. Neste sentido, chamamos a atenção para as reflexões de Meira, ao pontuar que:

> O percurso criativo coloca os gestos em uma cadeia de relações formando uma rede de ações estreitamente ligadas, mas com interstícios ou interfaces entre tais ações. O ato criador apresenta-se então como parcialmente cognoscível, na medida que se sustenta na apreensão do visível e do invisível ao mesmo tempo num fenômeno sentido afetivamente. (MEIRA, 2007, p.8).

A criatividade possui um lado técnico que deve ser praticado e um lado inexplicável, que envolve motivação, inspiração, sentimentos e emoções. Sem esses dois elementos, não há criação de ideias nem de materiais. Muitas áreas do conhecimento científico se aventuram neste tema. O que se sabe é que o cérebro humano é responsável por gerenciar a grande maioria de nossas ações diárias. São bilhões de células sensíveis (neurônios) que transmitem, através de sinapses (redes de comunicação), as informações do cérebro para o corpo. A criatividade acontece quando utilizamos, de forma combinada, diferentes partes do cérebro que desempenham diferentes funções, como, por exemplo o sistemas de controle de atenção, memória, linguagem, orientação espacial, ordenação sequencial, motora, pensamento superior e pensamento social (ILARI, 2003).

Ainda em relação ao processo criativo e ao conceito de criatividade, Antunes relata que

> A criatividade é um conceito associado a diferentes atributos ligados à originalidade, à variedade, à espontaneidade, à facilidade em ver e entender de maneiras diferentes as coisas do mundo [...] a ideia da escola desenvolver alunos criativos é plausível [...] Quando o professor se interessa o aluno tende a desenvolver sua criatividade [...] (ANTUNES, 2005 p. 8-9).

Trabalhar a criatividade na sala de aula vem como a tentativa de proporcionar maior autonomia para os educandos, que possivelmente serão capazes de decidir melhor suas escolhas. Faz com que ative processos cerebrais que irão refletir na resolução de problemas e na criação de mecanismos facilitadores no seu dia a dia. O papel da educação é incentivar ambas as esferas: Por intermédio das próprias aulas, possibilitar vivências criativas, o que permite o treinamento técnico necessário. Por outro lado, o ambiente de estudo influencia diretamente os resultados criativos, portanto, a criatividade é um fator ambiental e não hereditário, como era pensado por alguns autores.

Nas nossas reflexões sobre essa temática, ressaltamos que existem incertezas quando falamos em criatividade na escola. Talvez, muitos professores prefiram navegar em mares mais seguros. Para trabalhar o criativo, é necessário que se acredite no mesmo e que se esteja aberto a eventuais mudanças de planejamento, que não por isso deva ser deixado de lado neste processo. Esse trabalho exige pesquisa e atualização constante por parte dos professores e de todos os participantes. A criatividade pode ser trabalhada em todas as disciplinas curriculares, desde a educação infantil ao ensino superior, e desta maneira, acreditamos que estão abertas as possibilidades interdisciplinares e complementares a uma educação renovada.

Música e criatividade: mesclando conceitos e escrita poética coletiva

Relatamos ainda o trabalho realizado em uma oficina de contra turno, com estudantes do 7º ano do ensino fundamental e alunos dos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, que ocorreu entre novembro de 2012 e novembro de 2013.

As práticas de composição musical se iniciaram com a confecção de instrumentos musicais com materiais descartados, tais como latões, garrafas plásticas, canos de PVC e porongos. Foi realizada a oficina *Fazendo Música com Instrumentos Alternativos,* na qual construímos tambores de lata, kazus e chocalhos. A escrita poética coletiva acompanhou esse processo, possibilitando a interdisciplinaridade entre a língua portuguesa, as artes visuais e a ecologia (confecção dos instrumentos) e o aprendizado da música. Na ocasião, foram

selecionados dois ritmos base e uma sequência com os seguintes acordes: E EF#m B repetidos diversas vezes. Um estudante do ensino médio se prontificou e pegou o violão, enquanto ensinávamos duas células rítmicas para tambores e chocalhos.

A oficina foi muito bem vista pela direção da escola, que nos convidou para participar de um evento e da gravação de uma reportagem para um tele jornal de um canal de televisão. Foram marcados alguns ensaios para trabalharmos a música ensinada na Oficina e foi criada uma letra, com uma composição coletiva. Fazendo um jogo de escrita, pedimos para que cada um dos participantes escrevesse uma frase, dobrasse o papel, escrevesse a última palavra em uma nova linha e passasse a folha ao lado. Fomos colocando todas as frases no quadro e, dessa maneira, cortando algumas palavras, adicionando conectores, lapidando a poesia, cujo tema é educação. No ensaio seguinte, a letra da oficina estava pronta:

Ensinar e Aprender

Educação para Evoluir e Superar
Conectar Almas Fortalecer Mudar
Aprender é a Base de Tudo
Educação Respeito para o Mundo

Ensinando e Aprendendo para Começar
Não Tem Muito Mistério é Só se Esforçar
É a Melhor Forma de Viver
É o Caminho Certo para Poder Crescer

Ensinar e Aprender é Meu Lema de Viver
Ensinar e Aprender é Meu lema de Viver

Encerrando as atividades no ano de 2012, o subgrupo da música e os participantes da Oficina gravaram o programa, mostrando a confecção dos instrumentos, e na manhã seguinte apresentamos para todo o colégio durante o evento que promove um diálogo sobre aquilo de que a educação tem necessidade.

Após as férias de verão, as atividades do PIBID foram retomadas. Durante alguns encontros, definimos os novos planejamentos e foi definido que as primeiras aulas explorassem questões da ecologia sonora, baseadas no estudo das Paisagens Sonoras (SCHAFER, 2001), assim como exercícios de escuta ambiental, exploração

de timbres de objetos cotidianos e o dialogo sobre esses conceitos, fizeram parte desta etapa. Tivemos como resultados a composição de músicas com instrumentos acústicos, na maioria deles de percussões artesanais e com isso foi possível desenvolvermos composições seriais batizando o processo de serialismo natural, além de tirar som de folhas de papel, chaves e outros objetos.

Depois desta etapa, visto que a maioria dos participantes tocava violão e ukelelê, bem como havia um tecladista e uma cantora, apresentamos a eles o sistema tonal da música. Iniciando com a escala de dó maior, sua escuta e o solfejo da mesma. Em seguida, mostramos como que os acordes eram formados, a partir das notas naturais, resultando no campo harmônico de dó maior.

A audição desses acordes situou a turma no modo tonal. Realizamos diversos exercícios de composições espontâneas, que eram registradas no quadro. A partir da escolha de determinados acordes do campo harmônico escolhido, ordenamos uma sequência que se tornou nossa segunda composição.

1 Dm	2 Em	3 Dm	4 Em	5 Dm
6 Em	7 Dm	8 Em	9 G	10 AmAm F F
11 G G C C	12 AmAmDmDm	13 G G C C	14 AmAmDmDm	15 G G C C
16 AmAmDmDm	17 G G C C	18 AmAmDmDm	19 G G C C	20 AmAmDmDm
21 G	22 DmDmEmEm	23 DmDmEmEm	24 DmDmEmEm	25 DmDmEmEm
26 DmDmEmEm	27 DmDmEmEm	28 DmDmEmEm	29 DmDmEmEm	30 DmDmAmAm
31 C C G G	32 DmDmAmAm	33 C C G G	34 DmDmAmAm	35 C C G G
36 DmDm F F	37 G G C C	38 AmAmDmDm	39 G	40 Dm
41 Em	42 Dm	43 Em	44 Dm	... fadout

Figura 1: Composição trabalhada com os alunos

Explicamos algumas questões para os alunos quanto ao compasso que é 4/4 e a combinação para a execução tal como quando há um acorde apenas é que o mesmo está presente nos quatro tempos e quando há quatro acordes, quer dizer que é um acorde por tempo.

Pontuamos ao final que as composições tonais possibilitam a improvisação, envolvendo todos os integrantes: percussão, instrumentos harmônicos (violão e teclado) e instrumentos melódicos (flauta e voz), sendo uma forma prática de aprender as sequências do sistema tonal e, como no caso desta prática, possibilita criação de letras sobre os temas transversais da educação.

Depois das férias de julho e da greve dos professores, as aulas continuaram nas esferas da compreensão do sistema tonal. Alguns estudantes memorizaram o desenho da escala maior, e, com isso, pode haver o trabalho de improvisação de uma forma mais sistemática. Um dos estudantes chegou a compreender bem as escalas menor, menor harmônica e menor melódica e também aplicou na prática em conjunto. Algumas músicas do gosto dos estudantes também foram tocadas. O repertório trazido por eles foi de bandas e artistas como *Jota Quest, Nando Reis, Paula Fernandes* e *Adele.*

Nos últimos dois meses de atuação do nosso projeto na escola, planejamos uma oficina interdisciplinar envolvendo artes visuais, teatro, dança, música, ecologia e outras interligações que podem ser desenvolvidas (matemática, física, português etc.).

Foram planejados quatro encontros nos quais desenvolvemos a consciência da ecologia sonora (SCHAFFER, 2001 e FONTERRADA, 2004) em algumas ações que envolviam escuta sonora, desenho e manipulação de instrumentos alternativos. Foi explorado o som de garrafas de vidro em diferentes tamanhos. Usando água, é possível buscar afinações desejadas. Além deste, tambores com porongos que bóiam na água também foram utilizados. Chocalhos naturais e feitos com garrafas pet, canos de PVC como *digeridu* (espécie de berrante) e outros timbres foram encontrados para significar as forças da terra, do vento, da água e do fogo. Ao som e à filosofia do *Big bang*, criaram-se desenhos realizados em caixas de leite. A técnica é a seguinte: em uma caixa de leite aberta e esticada, pinta-se com tintas guache a parte metálica. Após secar, com um objeto rasurante, pode-se desenhar. Desenhos dos planetas, do sol e de uma nave espacial foram criados pelos estudantes, enquanto, depois de ouvir a exploração, ouviam o disco *Cérebro Eletrônico* de Hermeto Pascoal.

Algumas outras ações planejadas não puderam ser desenvolvidas, como a confecção de uma mandala usando uma roda de isopor, terra, cores e cola.

Com a mostra do PIBID que aconteceu na escola e o convite para a abertura do 1º seminário PIBID/IPA/CAPES, reservamos os últimos encontros para criação do roteiro e ensaio da apresentação. Foi criada uma cena com dança, envolvendo o áudio que simboliza o *Big bang* e a letra para a composição que havíamos realizado (quadro cifra). A música ficou batizada como "Viajar".

Na mostra do PIBID, apresentamos a nossa música *Ensinar e Aprender*. Já no Seminário a apresentação seguiu a esta ordem:

Todos no palco, a bailarina e um outro participante agacharam-se ao centro. O nosso áudio acabou não funcionando, o que fez com que representássemos a explosão pulando e emitindo ruídos com a voz e o corpo. Os dois participantes que estavam agachados pulam e abrem os braços, como símbolo da expansão do universo e a criação do mundo. Em seguida, alguns maracás (chocalhos guarani) foram distribuídos para a plateia. Iniciou-se a apresentação de uma música serial, executada por todos no palco e em seguida uma improvisação coletiva. Enquanto o grupo improvisava, a dançarina improvisava a dança cósmica dos planetas. Depois tocamos a música "Viajar" e "Ensinar e Aprender".

Finalizações

Ao finalizarmos este relato coletivo acerca das práticas musicais e docentes que realizamos como bolsistas do Subprojeto Música PIBID/CAPES/IPA, destacamos aprendizagens e desafios que permearam este trabalho, no qual estão as escolhas de um repertório musical com estilos diversos, que perpassaram os baiões, grupos e bandas de rocks, composições minimalistas, dentre outras, com o uso de metodologias e abordagens pedagógico musicais distintas, assim como a possibilidade que tivemos de fazer uma imersão em vários "mundos musicais" dos alunos. Foram momentos e espaços de trocas, aprendizagens, dúvidas, observações, leituras, questionamentos, pesquisa, em um processo constante de ensinar e aprender música.

Ressaltamos, ainda, que, ao fazermos o fechamento das atividades musicais com as turmas no último dia de aula, pedimos que comentassem o que o Subprojeto Música/PIBID significou para eles e tivemos a grata surpresa que, em seus relatos, constavam aspectos como: “a importância para a união da turma, o desenvolvimento vocal e corporal, a desinibição, os momentos prazerosos de cantar e trabalhar a expressividade, as novas descobertas musicais”, dentre outros depoimentos vindo principalmente de alguns alunos que não demonstravam estar participando ativamente do processo, mas que de certo modo também encontraram um grato significado nesta experiência.

Desta maneira vimos que o PIBID foi muito importante para nós, licenciandos de um curso de Música, pois tivemos a oportunidade de entendermos o fazer e o pensar de múltiplas práticas docentes na escola antes mesmo do início dos estágios curriculares supervisionados. Certamente os momentos das observações na escola, das reuniões e leituras com os colegas e professora coordenadora para os planejamentos, da organização de resumos científicos, pôsters e relatos das práticas em eventos feito coletivamente, da seleção e preparo dos materiais, dos momentos das performances vocal e instrumental dos alunos, das mudanças de planos, da escrita de um artigo coletivo, dentre outros acontecimentos do cotidiano, nos deu a oportunidade de estarmos em sala de aula e de termos contato com os alunos, professores, gestores, além de termos estranhamentos e aprendizagens significativas.

Referências

ANTUNES, Celso. *A criatividade na sala de aula*. 3° edição, Petrópolis, RJ; Vozes, 2005.

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 9, 7-16, set. 2003.

FONTERRADA, Marisa. *O Lobo no Labirinto uma Incursão a Obra de Murray Schafer*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MARIANI, Silvana. Èmile Jaques-Dalcroze. A Música e o movimento. In: MATEIRO, Teresa, ILARI, Beatriz (org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Editora IBPEX, 2011.

MEIRA, Marly Ribeiro. *Filosofia da Criação*: Reflexões sobre o sentido do sensível. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

PENNA, Maura. *Música (s) e seu ensino.* 2. ed.rev e ampl. – Porto Alegre: Sulina, 2010.

SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SCHROEDER, Silvia Cordeiro Nassif, O músico: desconstruindo mitos. *Revista da ABEM,* Porto Alegre, número 10, março de 2004.